

PSICOLOGIA, CLÍNICA POLÍTICA E AMPLIADA: CONTRIBUIÇÕES DE SIMONE DE BEAUVOIR E FRANTZ FANON

Taíssa Cristina Chaves¹

Fernanda de Cássia Oscar Otaciano²

RESUMO:

A Clínica Ampliada é uma diretriz da Política Nacional de Humanização do SUS, que compreende na atenção e gestão em saúde, a singularidade do sujeito em detrimento de uma abordagem clínica hegemônica centralizada no viés biomédico. Essa Clínica aposta em equipes transdisciplinares e multiprofissionais, o que implica à Psicologia um compromisso de revisitar desde as epistemologias à ética nas práticas e discursos psicológicos. Nesse sentido, esse trabalho busca identificar as possíveis contribuições de Simone de Beauvoir e Frantz Fanon para a clínica política e ampliada em Saúde. Como aporte teórico-metodológico, a compreensão de Humano refletida de forma crítica nesse estudo encontra-se na clínica fenomenológica-existencial a partir dos autores supracitados. Destaca-se nas obras de Beauvoir e Fanon, a preocupação em historicizar a ontologia, ou seja, em tomar a dimensão da opressão e violência que se inscreve e reinscreve no social, cultural, no mundo subjetivo e objetivo, relacionalmente. A Experiência Viva, a Liberdade, os mecanismos de opressão, assim como a Saúde, são fenômenos humanos que não podem ser compreendidos de forma solipsista, pois são correlacionais. Neste estudo argumenta-se que a visão existencial de Humano dos teóricos em questão, que é integrado, histórico, subjetividade, comunidade, se relaciona e pode se caracterizar como comum à abordagem da Clínica Ampliada em Saúde. Foram constatadas contribuições relativas às discussões sobre moral, ética, engajamento feminista e antirracista, os riscos de uma atuação alienada, sobre as resistências dos lugares de opressão, sobre a condição de existência concreta e constituição da mulher/homem. Este estudo permitiu-nos concluir limitações e premissas a se desenvolverem dialogando com o existencialismo e pensamento feminista interseccional na Psicologia para se pensar a Clínica Política. Portanto, este trabalho de pesquisa teórica, também inserido nos quadros das ciências humanas e da saúde, faz-se importante pois essas questões influenciam a prática clínica e a formação de futuros psicoterapeutas.

Palavras-chave: Simone de Beauvoir; Fenomenologia Existencial; Frantz Fanon; Clínica Ampliada.

ABSTRACT:

The Expanded Clinic is a guideline within the National Policy of Humanization of SUS (Unified Health System), which prioritizes individual subjectivity in health care and management over a hegemonic clinical approach centered on a biomedical perspective. This approach relies on transdisciplinary and multiprofessional teams, which calls upon Psychology to revisit its epistemologies and ethics in both practice and discourse. In this sense, this study seeks to

¹ Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves (UNIPTAN). E-mail: taissa.chaves12@gmail.com

² Mestra em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves (UNIPTAN). E-mail: fernanda.otaciano@uniptan.edu.br

identify possible contributions from Simone de Beauvoir and Frantz Fanon to the political and expanded clinic in health care. As a theoretical-methodological approach, the concept of "Human" critically reflected in this study is grounded in a phenomenological-existential clinic inspired by these authors. The works of Beauvoir and Fanon emphasize the importance of historicizing ontology, that is, considering the dimension of oppression and violence that is inscribed and reinscribed within social and cultural spheres, as well as within subjective and objective worlds, relationally. Lived Experience, Freedom, mechanisms of oppression, and Health are human phenomena that cannot be understood solipsistically, as they are correlational. This study argues that the existential view of the Human presented by these theorists—integrated, historical, encompassing subjectivity and community—relates closely to the approach and characteristics of the Expanded Clinic in health care. Contributions were identified in discussions on morality, ethics, feminist and anti-racist engagement, the risks of alienated practice, resistance within oppressive contexts, and the concrete conditions of existence and constitution of women and men. This study has enabled us to consider limitations and premises for development, engaging with existentialism and intersectional feminist thought in Psychology to contemplate the Political Clinic. Therefore, this theoretical research, also situated within the fields of human and health sciences, is significant as these issues impact clinical practice and the training of future psychotherapists.

INTRODUÇÃO:

De acordo com Doron e Parot (1998), a etiologia da palavra clínica (do grego *klinê* – leito), nos remete um saber e cuidado feito à beira do leito, isto é, uma prática centrada na doença, em um prognóstico. Partindo do pressuposto que a prática clínica não se restringe à ciência e profissão médica, tal definição nos suscita reflexões acerca da histórica influência do modelo biomédico na atuação do psicólogo.

Esse saber, configurado pela junção das ciências biológica e médica, construiu, paulatinamente, seu *modus operandi*, seja por meio de uma linguagem codificada através de categorias nosológicas (Kamers, 2020), seja por meio de uma redução da complexidade da análise dos processos de adoecimento. Ao considerar que os diagnósticos partem de princípios universalizantes, e de uma regularidade, é possível constatar, ainda hoje, que a busca de muitos sujeitos na clínica psicológica seja recepcionada com termos psicopatologizantes, por uma cultura de medicalização e por ânsia de soluções imediatas. Em outras palavras, um “passo a passo” para a cura.

Considerando esse percurso, urge uma perspectiva de mudança epistemológica e de atitude clínica frente a esse saber e fazer tradicional. Nesse sentido, a Clínica Ampliada em Saúde, como uma diretriz da Política Nacional de Humanização do SUS (PNH), mostra-se como alternativa viável. A partir de práticas de cuidado multiprofissionais e transdisciplinares, a Clínica Ampliada compreende o sujeito de forma integral quanto aos fenômenos que indissociavelmente compõem a complexidade humana (Ministério da Saúde, 2010). Nesse estudo, convocamos a Psicologia enquanto área da Saúde a revistar suas epistemologias, seu

lugar político e social nas práticas de cuidado principalmente a sujeitos em situação de aviltamento. A noção de Clínica Ampliada é uma perspectiva em Saúde Pública, mas que pode ser disparadora e uma possibilidade ao contexto também particular, pois aponta que “é preciso saber, além do que o sujeito apresenta de ‘igual’, o que ele apresenta de ‘diferente’, de singular.” (Ministério da Saúde, 2009, p.12).

Buscando pensar a partir de uma concepção de humano que é imbricada pela noção de Clínica Ampliada, esse artigo percorre um caminho de repensar a universalidade na Psicologia, seus conceitos, corroborando com análises críticas ao aporte teórico da Fenomenologia Existencial Sartriana, feitas por Simone de Beauvoir e Frantz Fanon. A Fenomenologia Existencial Sartriana foi escolhida nesse trabalho, pois sua relevância encontra-se no diálogo crítico que Simone de Beauvoir e Frantz Fanon realizam sobre alguns limites do seu humanismo, quanto a problemática do Ser e da Liberdade. Tais teóricos, tensionam e resgatam narrativas e reflexões filosóficas sob a crítica ao conceito de Humano universal abstrato, historicamente restrito e particular para designar homens e a branquitude colonizadora. Simone de Beauvoir (1980; 2005) em sua filosofia existencial, e Frantz Fanon (2020), em seu humanismo radical.

Simone de Beauvoir e Frantz Fanon desenvolvem filosofias de caráter social de formas próximas e próprias, na medida em que ambos partem da compreensão do problema da Existência entendida como liberdade. As considerações que Beauvoir (1949) provoca quando reflete além de classe e raça, o patriarcado, apontam a desigualdade de gênero que sofre a mulher³. Segundo Gabriel (2021), para Fanon, o negro é fruto de um atravessamento histórico, de uma tentativa de rompimento da dialética, na medida em que o negro nasce com a colonização. Beauvoir e Fanon, embora tenham empreendido o movimento de historicização da ontologia, não foram eles os responsáveis por a conceituarem pois ela é posterior às suas filosofias. Nesse estudo, apresentaremos autores contemporâneos que conceituam e nos permitem atribuir também essa contribuição filosófica a Fanon e Beauvoir, quanto a noções de sub-ontologia (Gabriel, 2021), Sub-Alteridade (Gabriel, 2021; Maldonado-Torres, 2022).

³ Levando em conta que, quando *O segundo sexo* foi publicado, as análises interseccionais ainda não eram comuns ao feminismo, é preciso um retorno a Simone de Beauvoir situando-a dentro de seu tempo histórico, apesar de haver posicionamentos anticoloniais e evidências de que não estaria alheia às questões raciais, e de classe, quando por exemplo afirma que “burguesas são solidárias dos burgueses e não das mulheres proletárias; brancas, dos homens brancos e não das mulheres” (BEAUVOIR, 2016, p. 16). O conceito de Interseccionalidade é colocado pela jurista estadunidense Kimberlé Crenshaw em 1989 no qual, busca entender os atravessamentos e dificuldades em fazer com que os tribunais reconheçam a discriminação que mulheres negras sofrem no trabalho. O conceito de interseccionalidade tornou-se crucial para a teoria feminista em que os fenômenos são correlacionais. Faz-se necessário um novo rompimento pseudo universal, apresentar um percurso não essencialista, o que tensiona e é o pano de fundo também desse estudo que apresentamos em diálogo a Frantz Fanon e a clínica política e ampliada.

Considerando as discussões sobre Clínica Ampliada e o campo da Fenomenologia Existencial, o artigo de Braga e Farinha (2024) teve significativas contribuições, embora tenha suas limitações em abordagens de tradição de homem, branca e eurocêntrica. Buscando dar conta dessas limitações, este trabalho apresenta a tríade Beauvoir, Fanon e Clínica Política e Ampliada. Considerando as especificidades filosóficas de Alteridade, da moral existencialista beauvoriana, as especificidades presentes em Fanon, da categoria sub-ontológica e de Sub-Alteridade, nosso objetivo é investigar quais as suas possíveis contribuições para uma Clínica Política e Ampliada.

Portanto, esse artigo enquanto trabalho de conhecimento científico e filosófico segue um caminho de pesquisa de revisão bibliográfica de ordem não sistemática e fecunda com os textos, desenvolvendo-se na prática de pesquisa que “beira o abismo do caos quase o tempo todo” (Gentil, 2005, p.171). Para isso, foi preciso suportar o abismo do não saber com rigor, conhecer ao que já se escreveu sobre a problemática, a forma como autores fazem perguntas sobre o tema (para que formulemos as nossas), bem como identificar quais respostas foram dadas satisfatoriamente e insatisfatoriamente ao tempo que pertencemos.

Algumas perguntas que abordaremos no final do próximo tópico orientaram o caminho metodológico do presente artigo, que em um primeiro momento traz a definição de clínica tradicional; em seguida aprofundaremos a noção de Clínica Política e Ampliada, seus compromissos, anúncios à Psicologia. Após, em direção à uma compressão de Humano não determinista – e iremos precisar da filosofia de Jean-Paul Sartre para tal, nessa esteira, realizaremos um resgate epistemológico às noções centrais da Fenomenologia-Existencial Sartriana, necessárias para estabelecer a sua relação de crítica em relação ao humanismo existencialista tradicional, feitas por Simone de Beauvoir e Frantz Fanon. Neste sentido, a partir de Beauvoir, explicaremos e integraremos os questionamentos, reflexões e críticas à teoria Universal da Liberdade, dado a situação Patriarcal sob o Ser Mulher; e a partir de Fanon, à teoria Universal da Liberdade, dado a condição sub-ontológica do Ser Colonizado. Por fim, esse trabalho apresentará como resultados, quais as possíveis contribuições dos autores supracitados à Clínica Ampliada.

METODOLOGIA

Segundo Minayo (1994), entendemos por metodologia nesse estudo, o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, sem substituir a criatividade do pesquisador. Este trabalho adotou, portanto, uma abordagem de pesquisa qualitativa de caráter exploratório e procedimento bibliográfico não sistemático.

Isto posto, a escolha pela pesquisa qualitativa se dá pelo fato que ela, “(...) trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (Minayo, 2002, p. 22). No entanto, para que se cumpra o caráter científico desses significados, e não se confunda empirismo e subjetivismo do investigador, essa pesquisa qualitativa advoga a uma corrente teórica de abordagem dialética que propõe a “abarcando o sistema de relações que constrói, o modo de conhecimento exterior ao sujeito, mas também as representações sociais que traduzem o mundo dos significados” (p. 24).

Portanto, as teorias, noções, bem como a compreensão das estruturas acionadas nesse estudo, são entendidos a partir dos significados dados por Fanon e Beauvoir na qualidade dos fatos e fenômenos subjetivos e sociais relacionadamente.

O caráter exploratório dessa pesquisa se dá em razão de ser a Liberdade Existencial um tema mais amplo e genérico, por isso exigiu pesquisa bibliográfica, discussão com especialistas, para uma delimitação mais esclarecida. Segundo Gil (2008, p. 27) pesquisas exploratórias “têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. Portanto, o desenvolvimento teórico e filosófico de Fanon e Beauvoir em suas visões políticas em torno da temática, é solo fértil entorno de maiores investigações em relação à Clínica Política e Ampliada.

A elaboração da pesquisa se baseou em um levantamento bibliográfico não sistemático. Para Gil (2008), as pesquisas bibliográficas consistem em uma leitura minuciosa constituído principalmente de material já elaborado sobre o tema, como livros e artigos científicos. O levantamento bibliográfico teve início no mês de março de 2022, com o interesse pela teoria Existencialista sobre a temática da Liberdade, conseqüente, o Ser, segundo o olhar Fenomenológico-Existencial postulado por Sartre. Com bases nas leituras deste corpo teórico que por si só, já é politizado, surgem questionamentos sobre a liberdade frente ao paradigma ontológico de forma mais situada, partindo desse lugar no mundo da Mulher. Desse campo, surgiram várias perguntas direcionadas desse estudo: como se dá esse exercício da Liberdade para a Mulher? A mulher escolhe não escolher apenas em razão de má-fé? Quais forças operam na sua subjetividade, nas suas ações e possibilidades de Ser?

Abrangendo as especificidades e distinções dos problemas e objetos sociais que vivem as mulheres, fora realizado a busca de artigos e obras que fizessem essa proposição entre a Liberdade Ontológica e o Ser Mulher, Simone de Beauvoir situou de forma mais satisfatória à essa problemática. Felizmente, Beauvoir despontou muito mais, à medida que as pesquisas bibliográficas sobre a autora se davam, foi-se percebendo seu caráter incansável e crítico em

relação à Universalidade da Liberdade, e às tramas da Alteridade. Pensada a partir de um debate e temas contemporâneos, Beauvoir apesar de não se mostrar alheia às questões de classe e raça, infelizmente, não toca em profundidade sobre alguns aspectos da realidade de forma interseccional, o que não eram questões debatidas em seu contexto histórico. Assim, se inscreve uma nova realidade que não foi possível e ético ignorar na pesquisa, dada à colonização: quais outros teóricos tensionam e corroboram nesse entorno da problemática ontológica do Ser, relativo à Negritude? Quais propuseram esse deslocar-se de seus lugares intelectuais de tradição teórica eurocêntrica?

Novamente, em diálogo às obras de Beauvoir e realizada pesquisas de artigos, foi apontado Frantz Fanon como autor e leitor que dialoga à Fenomenologia Existencial Sartriana, sobre o pensamento de Negritude. As noções e fenômenos centrais de tais filosofias foram liberdade, ambiguidade, alteridade, imanência, má-fé, zona do não-ser, interiorização, colonialidade, patriarcado e as não conceitualizas pelos mesmos, sub-ontologia, sub-alteridade. A partir dessa relação na interioridade e exterioridade metodológica, este estudo persegue a necessidade de aproximações que apresentam na atitude clínica profissional uma possibilidade social ampliada e política que surge a partir dos questionamentos: quais são as pessoas que vão se reconhecer na Liberdade Existencial, por mais que toda liberdade é “liberdade em situação?” Quais diálogos são preciso propor à Fenomenologia-Existencial quanto aos fenômenos do nosso tempo que lançam luz a uma clínica mais equânime, inclusiva?”⁴.

Nesse sentido, essas noções e perguntas foram acionadas para se chegar à metodologia, por leituras de artigos acadêmicos, acesso a aulas em vídeos disponíveis em plataformas digitais, levantamento bibliográfico a partir das obras originais dos autores, por diálogos com especialistas, realização de cursos sobre Fenomenologia Existencial em abordagem de Clínica Política pelo Instituto Nucafe (2023).

Psicologia, Clínica Política e Ampliada

Segundo o filósofo francês Michel Foucault (2014), considerando o fim do século XVIII e o início do XIX, o campo da Medicina se deu como “fábrica da doença” pois o objetivo de estudo se deu nas práticas discursivas imbricadas aos de fatores sociais, tecnológicos e pedagógicos. Nesse sentido, o autor destaca que

para conhecer a verdade do fato patológico, o médico deve abstrair o doente: é preciso que quem descreve uma doença tenha o cuidado de distribuir os sintomas que acompanham necessariamente, e que lhes são próprios, dos que são apenas acidentais

⁴ Fala do Prof. Dr. Nilson Lucas Dias Gabriel e Prof^a Paula Helena Lopes no curso Psicologia e Clínica Política: caminhos e contribuições de Simone de Beauvoir e Frantz Fanon, NUCAFE, em 14 jul. 2023.

e fortuitos, como os que dependem do temperamento e da idade do doente. Paradoxalmente, o paciente é apenas um fato externo em relação àquilo de que sofre; a leitura médica só deve tomá-lo em consideração para colocá-lo entre parênteses (Foucault, 2014, p.7).

Assim, os discursos gerados pelo saber médico denotam como influenciam a construção e modos de subjetividade, sendo as relações de poder, processos que afetam diretamente os corpos, os sujeitos e as práticas de cuidado. A partir disso, é possível suscitar reflexões de artimanhas de controle social exercidas também pela Psicologia. De acordo com Guerra (2002), “(...) a história da Psicologia nos evidencia uma tradição de trabalho associada ao controle, à higienização e à diferenciação, que, desde os primórdios de seu nascimento, associaram às práticas sociais e políticas à manutenção do status *quo*” (p. 29).

Essa concepção de clínica tradicional é amplamente difundida e comumente associada ao *setting* terapêutico. Conforme apresentam Lo Bianco *et al.* (1994), a Psicologia Clínica tradicional é caracterizada por atividades de psicodiagnóstico, em que a figura do psicólogo se apresenta como profissional liberal ou autônomo, atendendo geralmente individualmente, a classe privilegiada, por isso nomeada como uma clínica com rompantes universalizantes.

Por sua vez, a concepção de clínica, de sujeito e conseqüentemente de teorias psicoterápicas, atualmente, buscam uma maior articulação ao social. Nesse sentido, estudos no Brasil têm sido desenvolvidos com o objetivo de melhor orientar e caracterizar as atividades práticas e metodológicas da Psicologia Clínica em âmbito social e privado, principalmente pelo Conselho Federal de Psicologia [CFP] (1988). Para enfatizar essa força empreendida, Dutra (2004) cita uma pesquisa ⁵ que indica que

o que mais caracterizou a saída da clínica do seu modelo tradicional foi sua inserção na saúde pública, com o psicólogo clínico passando a atuar em hospitais e ambulatorios gerais e psiquiátricos, nas unidades básicas de saúde, nas escolas, creches e organizações, onde são empreendidas *ações de saúde* (Conselho Federal de Psicologia, 1993, *apud* Dutra, 2004, p. 383).

Conforme apresenta Passos (2018)⁶, mudanças de referenciais teóricos, implementações e movimentos políticos na Saúde Pública brasileira também são reconhecidamente marcadores importantes dessa perspectiva de Psicologia engajada no compromisso social. Entre eles, menciona-se o movimento da Reforma Psiquiátrica, iniciada na década de 1970, bem como a

⁵ CFP (1993). Atuações profissionais do psicólogo no Brasil. Documento encaminhado ao Ministério do Trabalho para reformulação do Catálogo Brasileiro de Ocupações (CBO).

⁶ O Livro *Clínica Política: A experiência do centro de estudos em reparação psíquica lá em Acari* é escrito pela coautora e psicóloga Olivia de Morgado Françoze, e é produto do projeto do Centro de Estudos de Reparação Psíquica (CERP) do Instituto de Estudos da Religião (ISER). Este projeto visou desenvolver ferramentas para ajudar os profissionais do Sistema Único de Saúde (SUS) e do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) a trabalharem com sujeitos que lidam com traumas resultantes da violência de Estado. Os profissionais atuam na favela de Acari, na Zona Norte do Rio de Janeiro.

criação do Sistema Único de Saúde (SUS), em 1990. Diante desses desafios e mudanças de se fazer clínica que também atingiram o Brasil, seja no âmbito privado ou público, coletivo ou individual, a Constituição Federal (Brasil, 1988) e a instituição do SUS (Brasil, 1990), pautam a discussão de uma nova proposta de modelo de cuidado e ampliação da noção de saúde. Nesse sentido, o SUS estabelece com base em princípios e diretrizes de saúde, preconizar um trabalho multiprofissional e interdisciplinar que considere o sujeito em sua integralidade.

Contudo, muitos desafios para a produção de saúde permanecem com essa herança de clínica tradicional. Conforme enfatizado na cartilha *HumanizaSUS – Documento Base para Gestores e Trabalhadores do SUS*, destaca-se que sua reforma ainda é incompleta, estando em discussão “de, encontrando-se em pleno curso de mudanças. Portanto, ainda estão em debate as formas de organização do sistema, dos serviços e do trabalho em saúde, que definem os modos de se produzir saúde e onde investir recursos, entre outros” (Brasil, 2010, p. 12).

Dutra (2004) argumenta que ainda hoje há uma reprodução do modelo clínico clássico em solo brasileiro e que tal reprodução não é restrita apenas com o psicólogo, mas também por meio de toda a equipe de saúde, “cujos profissionais ainda não recebem uma formação curricular adequada e direcionada para a prática no sistema público de saúde” (p. 383).

Nessa direção de cuidado humanizado e não abstrato, o Ministério da Saúde apresentou em 2003 a Clínica Ampliada como uma das diretrizes da Política Nacional de Humanização (PNH), na qual a Humanização é uma aposta metodológica (Brasil, Ministério da Saúde, 2010). A PNH do SUS busca integrar saúde e gestão dos processos de trabalho, unindo clínica e política, produção de saúde e subjetividade, para pôr em prática os princípios desse Sistema no cotidiano dos serviços de saúde. A PNH incentiva a comunicação entre gestores, trabalhadores e usuários, promovendo inovações nas formas de organização e cuidado, para superar coletivamente os limites das relações de poder, trabalho e afeto, que podem gerar práticas desumanizadas e inibir a autonomia e a corresponsabilidade de profissionais e usuários (Brasil, 2013).

Nesses dispositivos, o fazer clínico se circunscreve ao campo da Clínica Ampliada. Também chamada de Clínica Política e Ampliada ou Clínica Compartilhada, pode-se compreendê-la como uma ferramenta teórico-prática que busca abordar o adoecimento considerando a singularidade do sujeito e a complexidade do processo saúde/doença. Visa, portanto, superar a fragmentação do conhecimento e das ações de saúde, permitindo que, em situações específicas, um enfoque prevaleça sem excluir outras abordagens (Ministério da Saúde, 2009). A clínica em uma perspectiva ampliada pode ser pensada ao partir não só da concretude das diferentes situações de indivíduos, mas também do compromisso de que o cuidado deve ser ofertado para além dos aspectos físicos. Nessa esteira, possibilita uma

compreensão de múltiplos e transdisciplinares saberes e territórios que atravessam esse sujeito, isto é, considerando as diversas dimensões da vida do sujeito como condicionantes dos processos de saúde, sendo elas: corpo, subjetividade, território, acesso à direitos, dentre outros pontos.

Poderíamos supor, pelas trajetórias de concepções tradicionalistas paulatinamente superadas, que na clínica da modernidade, a Psicologia – enquanto um dos enfoques para o trabalho em saúde – objetiva dar conta dessas “mazelas” do fazer do psicólogo. Todavia, esse esforço e compromisso da Psicologia em desconstruir esse modelo tradicional de clínica vai para além de considerar nas teorias psicoterápicas o contexto social e histórico. À Psicologia – enquanto ciência e profissão regulamentada há 61 anos – cabe esse compromisso ético de uma clínica que constantemente se amplie.

Neste estudo, acreditamos que é necessário o resgate a epistemologias subversivas, a partir de teóricos que se atentaram a um fazer que sustenta uma abertura à exterioridade, refletindo seu próprio lugar político no mundo e ampliando diálogos. A esse caráter, postulamos a importância de reconhecer por meio desse estudo, essa possibilidade em Simone de Beauvoir e Frantz Fanon. É importante dizer que já existem estudos fanonianos em relação ao contexto da Saúde, pois para além de seu caráter filosófico, Fanon também foi um psiquiatra, revolucionário, engajado ativamente em movimentos de grupos de libertação da colônia francesa. Dias (2022), por exemplo, apresenta Fanon, a partir do pensamento descolonial e antirracista, revelando uma perspectiva de contribuição para o campo da Saúde Mental e Coletiva. Em diálogo, mas considerando um recorte específico, cabe ressaltar que, esse estudo busca referenciar Fanon de forma própria em diálogo crítico com o pensamento fenomenológico-existencial para assim, apresentar como sua filosofia pode contribuir na ampliação clínica. Por isso, vale ressaltar que é preciso cuidado quanto ao contato com as obras de Fanon, pois conforme Sylvia coloca logo na apresentação da obra de Gabriel (2021):

Frantz Fanon, ao produzir suas obras, revela que dialogou com tantos outros estudiosos, como, por exemplo, Sartre e Freud; mas na relação com esses e outros autores europeu, foi colocado, na melhor das condições, no lugar de coadjuvante, principalmente por muitos “fenomenólogos e existencialistas” que o conheciam; quando não, foi negado ou mesmo não é conhecido. (Gabriel, 2021, p.21)

A CLÍNICA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL SARTRIANA

Toda Liberdade em contexto existencialista é situada; por outro lado, também é fundamentada ontologicamente. Há uma liberdade primária comum para Sartre (1997) e Simone de Beauvoir (2005) que é o fato de sermos seres marcados pelo nada (*nean*), isto é, por uma condição humana marcada pelo vazio de estruturas metafísicas, ou de elementos metafísicos (Sartre, 1997). A imagem que Sartre usa, de certa forma presente em Simone de

Beauvoir, é a da hemorragia do ser. Para o autor, há uma diferença ontológica radical entre o para-si e o em-si, que é toda a realidade que aparece para a existência humana.

A noção de ser enquanto ser em-si, significa um ente que não precisa vir a ser, tornar-se, exercer-se para ser quem ele é, portanto, é plenitude. A condição humana para Sartre é para-si, porque o ser humano relaciona-se consigo, está próximo de si, mas por outro lado exatamente porque está próximo, não está fechado em si mesmo, compreensão da qual Sartre (1997) diz que toda proximidade é uma distância e que o para-si é um ser de lonjuras. A Liberdade para Sartre é esse fato de estar atravessado por uma condição de indefinição, e indeterminação radicais, a situação existencial não apaga essa Liberdade de origem, mas condiciona, é ocasião para que existamos como se fossemos coisa (informação verbal).⁷

A partir dessa compreensão, a liberdade humana na perspectiva sartreana projeta o sujeito para o campo dos possíveis, como um sujeito de ação, afinal “(...) liberdade é liberdade de escolher, mas não liberdade de não escolher. Com efeito, não escolher é escolher não escolher” (Sartre, 1997, p.591)

No existencialismo sartreano, por entender essa noção ontológica que envolve sujeito e mundo inseparavelmente, tudo se dá na interrelação ou na noção de Alteridade. Não atoa Sartre dirá que o inferno são os Outros, pois relacionar-se com o Outro que também é Liberdade é extremamente desafiador, é habitar esse não-ser, na filosofia Sartreana, é essa negação que remete a liberdade humana.

Sartre nessa percepção, no ano de 1946 em diálogo com os movimentos de Negritude por meio do prefácio *Orfeu Negro*⁸, proferirá que o Ser é Negro, que o Negro é a negação de sua negação. Gabriel dialogando ao texto *Orfeu Negro* e o livro *Reflexões sobre o Racismo* de Sartre (1968) durante o curso, compreende que Sartre coloca o negro como pura autenticidade, como se o negro não pudesse empreender de má-fé, conforme o branco.

Conforme o argumento de Gabriel (2021), o ativismo das pessoas negras, segundo Sartre, manifesta-se por meio da exclusão singular a qualquer limitação que restrinja suas possibilidades. Seria necessário ao indivíduo tomar consciência de sua raça, uma vez que deve “(...) viver essa superação como obsessão pessoal, tornando-se assim sua possibilidade íntima em moldes de um futuro clandestino. (...) Desta forma, o sujeito de cor negra se lança possibilitando às pessoas negras o mesmo futuro possível das pessoas brancas” (Gabriel, 2021, p. 35).

⁷ Fala do Prof. Dr. Alexandre Cabral no curso de Fenomenologia das colonialidade e os marcadores de opressão, NUCAFE, em 13 jun. 2023.

⁸ O Ensaio foi publicado originalmente no ano de 1946, como prefácio da obra *Antologia da nova poesia negra e malgaxe* de Leopold Senghor, um dos importantes fundadores do movimento de negritude. Em 1948, o texto foi enfeixado na obra pouco conhecida dentre os existencialistas mais tradicionais, *Reflexões sobre o Racismo*. É a partir desse texto que Frantz Fanon desperta intelectualmente.

Enquanto Ser condenado a ser livre, quando o sujeito lança essa liberdade no mundo da facticidade, ela é ancorada numa estrutura antropológica, por exemplo, o gênero, a raça e classe. Porém, Sartre não discute isso com profundidade. Sartre, por si só, já é um sujeito extremamente político, já apresenta em suas obras uma perspectiva extremamente engajada, entretanto, marcar esse nome de Clínica Política traz um lugar nesse estudo que não dá conta apenas em Sartre e nessa liberdade individual. Esbarraremos no limite, também, de suas condições materiais e socioeconômicas, isto é, na condição de sujeito francês, branco e heterossexual. Nessa relação entre o mundo e consciência, a partir da redução fenomenológica, o prof. Dr. Alexandre Cabral também traz importantes considerações de que toda fenomenologia é limitada, que todo ser mundano, indeterminado conforme a analítica fenomenológica mundano existencial, parte de um determinado lugar e que por isso sempre parte junto aos fenômenos.

Fanon e Beauvoir, por sua vez, colocarão tensão deslocando esse individualismo para uma percepção social da realidade humana, estruturado a partir de temas tangenciais desde a época de existência dos dois, mas não tão explorado por seus estudiosos. O prof. Alexandre Cabral ainda complementa dizendo que uma relevante contribuição de Beauvoir é que ela chama atenção para os riscos de “cair em uma materialidade sem mundaneidade”, não admitindo radicalmente uma materialidade histórica.

Gabriel (2021), apresenta importantes provocações que permitem refletir sobre essas leituras tradicionais existencialistas, ao sinalizar que

a perspectiva existencialista em Psicologia abandonou a existência ao esquecer do negro. Se no primeiro capítulo questionei a razão pela qual os(as) sartrianos(as) não estudam Fanon; agora questiono: se houve um Sartre para ler Fanon e que buscou pelos autores da negritude, quem são os(as) leitores(as) de Sartre para não buscar por autores(as) negros(as)? (Gabriel, 2021, p. 198).

Por sua vez, também mencionado o fato de que é ignorado a influência mútua que Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre exercem nas obras um do outro, conforme Sartori traduzindo o texto de Simons (1981/2012) evidencia. Para a autora,

ocasionalmente se ouvem professores de filosofia queixarem-se a propósito de *Por uma Moral da Ambiguidade* (1947), que o texto não é consistente com a filosofia de Sartre. Irritados por essa evidência de diferença filosófica, acusam Beauvoir de desviar-se da perspectiva de *O Ser e o Nada* (1943), como se sua autonomia filosófica fosse um equívoco (p. 341).

Nossa tarefa nesse trabalho não é, porém, investigar a questão da influência, seja de Beauvoir⁹ em relação a Sartre ou de Fanon em relação à Sartre. Nosso escopo se circunscreve

⁹ Este compromisso foi assumido por Margaret A. Simons, Professora de Filosofia da Southern Illinois University, Edwardsville, USA. A autora tem dedicado sua carreira aos estudos de Simone de Beauvoir

na análise das noções centrais desses filósofos, para apresentarmos a forma existencialista e socialmente situada que adquire nos pensadores.

SIMONE DE BEAUVOIR

Simone de Beauvoir (1908-1986) foi uma escritora francesa, filósofa existencialista, reconhecida mundialmente como uma das figuras mais importantes do século XX. Escreveu *O Segundo Sexo* (1949/1908), uma obra fundamental para os estudos feministas, especialmente a partir da Segunda Onda do Feminismo nas décadas de 1960 e 1970. Com familiares nacionalistas e tradicionalismos, seguia à risca os papéis sociais da mulher como relatado por ela na obra *Memórias de uma moça bem-comportada* (1989). Assumindo-se feminista mais ao final de sua vida, paira em discursos acadêmicos tradicionalistas a ausência de profundidade sobre a filosofia própria de Simone de Beauvoir, desde a sua obra exímia *Por uma moral da Ambiguidade* (1947/2005), sendo mais reconhecida a obra *O Segundo Sexo*.

Tal qual a moral existencialista de Sartre, Beauvoir vê a Liberdade como *Transcendência*, isto é, como projeto de sentido mesmo diante a opressão *a priori*, pois “a resistência das coisas sustenta a ação do homem” (Beauvoir, 2005, p. 70). Porém, isso não significa para Beauvoir que a opressão não tem importância e concretude. Segundo ela, essa dualidade e interdependência é odiosa, pois para realizar essa liberdade, que é num futuro aberto,

são os outros homens que abrem o futuro para mim, são eles que ao constituírem o mundo, definem meu futuro; mas se em vez de permitirem que eu participe desse movimento construtor, eles me obrigarem a consumir em vão minha transcendência, se me mantiverem abaixo deste nível que conquistaram e a partir do qual se efetuaram suas conquistas, então eles me apartam do futuro, transformam-me em coisa. (Beauvoir, 2005, p. 70-71).

O grande paradoxo de Simone de Beauvoir e que se chama paradoxo da Moral Existencialista será apontado na obra *Por uma moral da ambiguidade*. Para a autora, se todos são livres, porque não é determinado por uma essência, por que é preciso tornar-nos livres ao longo da existência? Ou seja, o fato de sermos indeterminados faz com que sejamos livres, mas a situação e os modos de existência nos fazem existir sem afirmar a liberdade. Nesse sentido, para Beauvoir (2005) é preciso não somente constatar a Liberdade, mas conquistá-la; é preciso existir segundo um projeto de sentido que nos faça afirmar em tudo na nossa existência que somos seres marcados por indeterminação.

traduzindo e publicando para o inglês, o texto em questão foi escrito sob o título, *Beauvoir and Sartre: The Question of Influence* (1981). O texto foi traduzido para o português por Paulo Sartori e orientado pela professora Magda Guadalupe dos Santos (PUC Minas).

O problema do Outro foi uma das questões elementares da filosofia de Beauvoir. A filósofa compreende que o “Outro” não é alguém “fora”, pois se a existência é aberta para o mundo, a Alteridade é condição de Existência. Em condições opressoras, e Beauvoir partindo desse lugar de experiência vivida de ser mulher, constata que o Outro é uma liberdade que condiciona, portanto, a existência do Outro já é um elemento de minha¹⁰ própria existência. A célebre frase “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (Beauvoir, 1980, p. 9) elucida a forma como a autora compreende a existência da mulher, não definida por nenhum “destino biológico, psíquico, econômico” (*idem*), mas constituindo-se como indivíduo no seio da sociedade, quando reconhecida na mediação de outrem.

Beauvoir admite a liberdade existencial, mas de forma própria para a condição da mulher. Nessa perspectiva, como a mulher é o Outro do Homem, ela é menos ser, não é plenitude de Ser, pois só aparece como uma inessência (1980), expressão que Beauvoir usa como compreensão para alguém que não se identifica com a essência do ser humano propriamente dita, a qual o homem revela e a mulher não. À mulher, que sempre se dá no comparativo, é dado um significado, um destino que a faz existir enquanto coisa, e essa realidade é imanentizadora. Portanto, Beauvoir (1980) observa a subtração do movimento de transcendência para a mulher, um sentido imanente, assumindo a passividade da facticidade, não apenas por uma falta moral conforme a moral Sartriana, mas infligida pela opressão.

Além de historicizar a ontologia desde o ser pré-histórico, em *O Segundo Sexo*, Simone escreve sobre a história das mulheres e o porquê de elas serem conduzidas a imanência de sua condição, na medida em que “para se salvar, ela[s] acaba[m] por se renegar totalmente” (Beauvoir, 1980, p. 418). Esse fato se dá no ato de que tudo é ação, mas que nem tudo é ação reflexiva situada, já que, muitas vezes, será no campo que se aparenta na facticidade. O que Beauvoir evidencia, e frequentemente é retirado de contexto, é que a mulher é cúmplice de sua situação, assim, assumindo a passividade não fazendo resistência ao destino que lhe é proposto, expondo-se ao recurso de reduzi-la a objeto na tentativa de realizar um outro possível. Indo direto ao ponto, Beauvoir (1980) apresenta uma análise dessa condição de má-fé, em um tipo de “mentira existencial”, cuja existência é definida como a “mulher religiosa, a mulher amorosa, a mulher mística”, dentre outras autêntica e inautêntica apresentadas pela filósofa. O sentido que Beauvoir dá não é o de uma escolha deliberada, mas desse campo político de possibilidades, por isso a imanência é uma condição, transcender é muito difícil, não porque não há essa condição enquanto ser.

¹⁰ Aqui, utilizamos a primeira pessoa do singular apenas para causar proximidade.

Beauvoir apresenta em sua filosofia também outros elementos dos cruzamentos como classe, gênero e raça localizando-os historicamente. A filósofa existencialista aponta as operações das desigualdades de direitos das mulheres, na inserção no mercado de trabalho, no direito ao voto, reinscreve também a violência nos modos de existir da mulher e do negro. Como anticolonial, em diversos trechos aponta rigorosamente a condição que vive o negro no mundo “mediante as quais ele se adapta, as compensações que busca, todo o seu modo de sentir e agir explicam-se tendo em vista a passividade a que é condenado” (2005, p.69). Apesar de acreditar que dever-se-ia desmembrar toda articulação de poder que existisse em relação aos processos de gestão de existência, Beauvoir não é uma pensadora que fomenta o Feminismo Negro. É preciso ir a fonte do entendimento do que é Interseccionalidade, captar seu sentido na raiz do seu pensamento que é no Feminismo Negro.

FRANTZ FANON

Frantz Fanon (1925/1961) foi um revolucionário psiquiatra e filósofo martinicano, que obteve a oportunidade de realizar seus estudos em colônia francesa. Tornou-se influente em estudos anti-coloniais, e acreditava na união dos povos negros, viveu em solo Europeu, mas maior parte de sua vida foi nas colônias francesas como Martinica, Argélia e Tunísia. Fanon apresenta extrema coerência entre vida e obra apresentando em seu livro *Peles Negras, máscaras brancas* (1952/2020) que as pessoas negras introjetavam os atos, valores, vínculos e escolhas a caminho de um “embranquecimento”.

Conforme Gabriel (2021) e Faustino (2022) apresentam, é importante ressaltar que é possível chegar a Fanon por meio de diversos caminhos teóricos, seja pela psicanálise, pelo existencialismo e pelos movimentos sociais, constatando diversos fanonismos. Essa postulação se faz necessária, pois segundo os autores supracitados, para que não se realize um movimento muito comum e conveniente de trazê-lo nesse estudo assumindo-o como teórico da Fenomenologia Existencial, afinal, Fanon não pode ser defendido como um Existencialista, nem como Psicanalista. Fanon é um teórico que dialoga de forma própria também em relação à Fenomenologia Existencial é este o sentido colocado nesse estudo.

Utilizando-se de uma linguagem ontológica-existencial, se dedica a “oferecer subsídios para a libertação do homem/mulher nomeados negro e negra entre os(as) homens(mulheres) do devastador arsenal de complexos originados da situação colonial” (Gabriel, 2021, p. 27).

Fanon como Beauvoir destacou de forma importante a noção de Experiência Vivida em sua obra *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952/2020). Fanon em sua compreensão existencial, na pretensão de “ser negro”, capta a dimensão ontológica de liberdade, historicizando-a para tão logo conquistá-la. Portanto, segundo Gabriel (2021), Fanon compreende que em situações

coloniais, a essência poderá, muitas vezes, preceder o existir do ser negro, porém sem renegar a liberdade pois, “não sou prisioneiro da História. Não devo procurar nela o sentido do meu destino” (Fanon, 2020, p. 189).

Na compreensão ontológica fenomenológica sartriana adotada em *Orfeu Negro*, já citado neste trabalho, o Ser é Negro, ou seja, o negro se faz humano na medida em que reconhece a si como negro, da sua negrura toma consciência e se faz para além desse dado objetivo criado pelo branco segundo Gabriel (informação verbal). Segundo Fanon, Sartre comete o erro de esgotar a fonte da negritude, dizendo o que ela é. Nas palavras do primeiro, “Jean-Paul Sartre, neste estudo, destruiu o entusiasmo negro. Contra o devir histórico, deveríamos opor a imprevisibilidade”. (Fanon, 2020, p. 122). Assim, ao afirmar o que o negro é, Sartre negou a possibilidade dos negros de terem um papel ativo na história, pela máxima existencialista de que o humano se faz, e se define pelas suas ações. Ao também o colocar como pura autenticidade, esquece-se que Branco e Negro são sujeitos de iguais contradições e que podem ontologicamente também empreender de má-fé.

A liberdade ontológica é tencionada por Fanon, “e se admitirmos em acordo com a máxima sartriana que ‘o inferno são os outros’, o inferno do negro é o branco” (Gabriel, 2021, p. 82). Fanon examina a condição de pessoas negras no contexto colonial, analisando como essa vivência conduz a um “desvio existencial” (Fanon, 2020, p. 30). Assim, Fanon aponta que “de uma vez por todas, a realidade exige uma compreensão total. No plano objetivo como no plano subjetivo. (...) Ao lado da filogenia e da ontogenia, há a sociogenia. (...) É pelo homem que a sociedade chega ao ser” (Fanon, 2020, p. 28). O autor aponta que o negro não é uma categoria ontológica, o negro não é próprio do Ser, pois o negro é fruto justamente de um atravessamento histórico, de uma tentativa de rompimento da dialética, já que o negro nasce com a colonização. O movimento do racismo vem com a intenção de negar a humanidade, o branco tal qual o negro é fruto de um atravessamento histórico, sendo diferenciado pois o branco é quem mistifica e cria o Negro (Fanon, 2020).

Consoante ao Existencialismo, Fanon reconhece a zona do não-ser como essa região que possibilita que um surgimento autêntico possa aparecer à humanidade, porém, dirá que o negro não é, portanto, um Humano, pois a ele não é possível descer a esse inferno Sartreano, que é escolher-se. Segundo Gabriel ao negro, foi dado um nome, uma essência, o Negro não foi apenas transformado em outro, ele foi animalizado, visto que para Fanon, uma sociedade em que possa ser reconhecido como Outro, subentende-se uma relação de Alteridade. Relacionando conforme Maldonado-Torres (2022), em condições coloniais há a hierarquização de Sub Outro, uma subtração ontológica, portanto Sub-Alteridade como o autor conceitua. Em existências

coloniais e colonizadoras, elas só se afirmam sem afirmar a Liberdade da totalidade dos Outros, nesse sentido “a consciência negra é imanente a si própria” (Fanon, 2020, p. 122).

Fanon aponta para o caráter dialético das relações, portanto, partindo do reconhecimento do branco também enquanto raça, e não enquanto o Humano como na lógica colonial, Fanon postula que branco que escraviza, também se desumaniza dizendo que a humanidade é branca. O autor vai colher do existencialismo uma análise psicológica da subjetividade colonizada, contudo, numa perspectiva que não determine o sujeito, elas são empreendidas considerando as realidades econômicas e sociais abordando “uma série de aberrações afetivas” (2020, p. 26), complexo de inferioridade, a interiorização, a neurose do abandonado, entre outras autênticas e inautênticas. Em uma passagem de *A Força das Coisas*, Simone mostra o caráter político que Fanon sustenta como psiquiatra que deve ter entre psicoterapia e política:

Ficara muito decepcionado com a psiquiatria russa; condenava a internação e desejava que se tratassem os doentes mentais sem tirá-los do seu ambiente; dava grande importância aos fatores econômicos e sociais na formação das psicoses, e sonhava estabelecer ligações entre a psicoterapia e a educação cívica dos pacientes. ‘Todos os comissários políticos deviam ser ao mesmo tempo psiquiatras’, dizia (Beauvoir, 2009, p. 440).

A Liberdade, portanto, em Fanon, assim como Beauvoir, é necessário pensar profundamente as subjetividades, não se trata apenas de constatar a Liberdade individualmente, mas de uma ação, ou seja, negar a opressão com vistas a produção coletiva de Liberdade, pois querer ser livre, é também querer livre os outros (Beauvoir, 2005). Há um caráter político, e de revolta nessa produção de Libertação.

CLÍNICA POLÍTICA E AMPLIADA À LUZ DE BEAUVOIR E FANON

A perspectiva de clínica psicológica pretendida de ser dialogada de forma crítica com a clínica ampliada é compreendida, portanto, nesse estudo na abordagem fenomenológica existencial. Esta preocupa-se ao que é dado diante da consciência do sujeito, do significado para ele; à visão de Homem a qual vai para além de uma condição pré-estabelecida (Sartre, 1997). Esse diálogo, porém, também traz desafios inicialmente ao trabalho produzido pelo psicólogo que se propõe a adoção da redução fenomenológica, ou da colocação do mundo "entre parênteses" de forma rígida. Tomemos como exemplo na fenomenologia existencial, essa não essencialista, no contato com sujeitos envoltos nas categorias como ser mãe, ser mulher lésbica, ser mulher negra, ou de um diagnóstico. A compreensão existencial nesse sentido prega que a situação ou facticidade não é definível do Homem, pois em última instância este é Livre. Nesse escopo, surge a nós psicólogos que buscam desviar de uma atuação alienante, uma angústia: em

que medida compreender o lugar social, político se faz possível a partir do que surge apenas enquanto fenômeno dado diretamente à consciência de outrem?

É intendo do método fenomenológico a autenticidade, compreender os sujeitos num fluxo intencional a partir de como comunicam o vivido, porém também despontam fenômenos e sua relação objetiva que é dado realmente no fenômeno considerado. Se “para Husserl, consciência e mundo se dão ao mesmo tempo” (Gabriel, 2021, p. 75), e Sartre entende a necessidade de “encravar o existencialismo no seio do marxismo” (*idem*), Fanon e Beauvoir apontam a urgência de historicizar a ontologia. Portanto, a suspensão fenomenológica feita de forma tradicionalista, que requer a suspensão de conhecimento das coisas do mundo, atitudes e crenças em que esse sujeito está envolto, preocupa-se apenas em mostrar e esclarecer na práxis ao que é visto diante da consciência e desconsidera as lentes estruturais do mundo social, da intersubjetividade da cultura, da linguagem, da história e da economia.

Na clínica tradicional da Psicologia alguns profissionais desatentos ou que endossam uma certa reprodução de saber, perdem algo primordial na existência: a sua abertura. A partir disso, começa-se a transitar na divisão de sujeito-objeto no qual, acredita-se poder levar o saber ao outro, é o lugar da prescrição. Há uma premissa, nesse pensamento da Psicologia Clínica Política de que a nossa história tem um lugar marcado na forma como a gente se apropria, isso quer dizer que é necessária uma disposição para um movimento difícil, que é se deslocar de certos lugares de privilégio. Esse lugar de “perturbação e inquietação, que a PNH considera o ‘motor’ de mudanças e que também precisam ser incluídos como recursos para a produção de saúde” (Brasil, 2013).

Fanon (2020) e Beauvoir (1980), tensionam e corroboram sobre esse Ser tradicional do existencialismo e a Liberdade ontológica, a proporcionar uma descrição direta da experiência vivida demonstrando que essa é impressa na relação com o mundo exterior e que a situação existencial tem uma relevância maior e significativa sobre a consciência, e conseguinte a nossa prática enquanto psicólogos. Esses teóricos trazem em suas obras o mundo enquanto é vivido, partem de uma compreensão do cotidiano, da compreensão do modo de viver das pessoas em condições de violência, marginalização na sociedade, opressão e aviltamento, a saber a mulher, o homem negro e a mulher negra.

Simone de Beauvoir e Frantz Fanon, visto que sustentaram uma atitude radical de abertura existencial, contribuem em uma perspectiva de clínica política e ampliada sobre assumir as perturbações que essa relação dialética com o Outro aponta a nós, pessoalmente e profissionalmente. Seja em contexto público ou particular, sustentar o não saber e a co-gestão, se dá na escuta, no olhar, no silêncio, diz sobre os sentimentos e sentidos que esse sujeito

expressa. Gabriel (2021), em sua obra evidencia que esse encontro e reconhecimento existencial aconteceu a partir de uma linguagem que é poética. A linguagem, as escolhas e condições de imanência por vezes não são autênticas, portanto é preciso além de compreender, sentir o Outro. Conforme Passos (2018), essa atitude é importante pois, reposiciona o sujeito nessa relação dialética e co-partipativa, em direção a não hierarquização de saberes, de modo que o profissional envolvido busque compreender sobre esse mundo vivido em seu território-corpo.

Estamos vivendo um momento de repensar o nosso fazer na clínica pública e particular da psicologia: como fazer uma clínica ampliada que foge a compreensão única da cura do corpo biológico? Certamente a resposta não é prescritiva, por isso, nem toda clínica é ampliada. Mas por fim, podemos fazer alguns apontamentos.

Simone de Beauvoir e Fanon, com uma concepção de humano integral e de subjetividade dialética, transcendem à noção de Saúde ao ampliar o mundo vivido da mulher, e homem/mulher negro(a). Os teóricos contribuem quanto à transdisciplinaridade do cuidado, aos direitos de acesso a moradia, saneamento básico, educação, saúde, lazer etc. Tal qual a premissa da Clínica Política e Ampliada, é compreendido que sejam construídas possibilidades e o cuidado junto ao sujeito, considerando suas referências constitutivas, seu lugar social, político e de saber; uma perspectiva horizontal que denota as contradições da realidade desse sujeito de forma que ainda assim isso não o determine (Brasil, 2009). Beauvoir e Fanon amparando-se sob uma visão de humano não essencialista, contribuem a partir de uma compreensão de saúde, que não apenas é bio, psico, social, mas também do reconhecimento político e ético nos dispositivos de saúde sobre os mecanismos de opressão e colonialidade que operam no aviltamento de seus direitos essenciais.

Beauvoir e Fanon apontam que a Liberdade é sempre situada, não só na facticidade da Existência, mas nas produções de civilização que se ancoram nessa facticidade. Esses fatores condicionantes podem partir inclusive do profissional, quando este marca também enquanto corpo, Liberdade, ou mesmo Estado, a operar e colocar outrem enquanto coisa, instrumento de reprodução. Esse cuidado tal qual vimos a partir de Foucault (2014) e em relação à história da Psicologia com Guerra (2002) é substitutivo. Fanon e Beauvoir contribuem ao sustentar que compreender fenomenologicamente nos dias de hoje e a partir da experiência vivida, é sobre se estabelecer no plano das reduções, isto é, significa que o sujeito exatamente porque se encontra em um determinado lugar, já sempre se encontra junto aos fenômenos. Fanon e Beauvoir contribuem significativamente quanto a ética no fazer do psicólogo, que favoreça a ampliação da consciência e que este sujeito supere sua situação de imanência, alienação, tomando como práxis aquela potencializadora dos sujeitos em seu contexto histórico, social e subjetivo. Por

essa razão, esse estudo aponta, de forma concreta, que a perspectiva da clínica ampliada se faz junto ao sujeito e não “por ele”.

Uma grande contribuição de Simone de Beauvoir e Frantz Fanon, encontram-se também quanto a conduções e escutas na prática do psicólogo e a qualquer profissional que se envolva com pessoas em condição de imanência. A violência, não é narrativo, aí que se dá a escuta clínica política pois a imanência mostra sua face de lugar de fazer o movimento de Ser. Não é possível compreender tais aspectos sem apreender de que forma isso se deu a nível singular e a nível universal, compreendendo que a violência é um fenômeno estruturante das relações, e isso leva muito tempo. Portanto, Fanon e Beauvoir lançam luz a como vamos posicionar a nossa escuta política, e a nossa localização, o nosso falar dentro desses processos de uma clínica política que entende, e que não reduz e simplifica, o porquê as opressões acontecem e o porquê somos cúmplices das nossas próprias opressões não por uma situação de racionalização, mas por uma situação de contexto, de história, de política. A Escolha é situada de possibilidades, por isso estratégias como a redução de danos, os planos terapêuticos individuais, a prática clínica-grupal, os trabalhos transdisciplinares são tão importantes, pois coletiviza sofrimentos e angústias, tem como propósito a potencialização da vida, a diversificação, criação, a invenção, transformar a dor silenciada em autonomia e fortalecimento coletivo, ao invés da reprodução.

Esse destino que a sociedade constrói para a mulher e o homem/mulher negro(a) não é simplório, de não escolher, é do tipo de violento. Isso direciona à Psicologia a ser atenta às conduções simplórias e rápidas do tipo: “O que você vai fazer com isso?” que mais lançam o sujeito em um solipsismo, situações de riscos, incorrendo em revitimizações. Nesse sentido, o ato clínico não deve ser entendido como lugar ou espaço privado, como diferente e separado da política; ao nosso entender é necessário um reposicionamento subjetivo também dos gestores, trabalhadores, e usuários com as práticas de promoção de saúde, mudanças no campo epistemológico em direção a uma ampliação de seus próprios limites. Acreditamos que o caminho seja de uma atitude clínica, exigindo uma postura ética diante desse humano de forma reflexiva; nesse sentido, “uma capacidade reflexiva continuamente exercida em relação à própria prática”, como assertivamente coloca Lo Bianco et al. (1994, p. 56). A Clínica Política e Ampliada, mais do que em técnica e especialismo, aposta em uma atitude de ampliação da vida e da clínica ela mesma, é nesse sentido que a expressão Clínica Política e Ampliada é tida nesse estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como uma pesquisa qualitativa, esse estudo também permitiu apontar contradições. Segundo Paula Helena (2023) menciona no curso, Simone não buscou escrever uma teoria de

gênero, visto que o existencialismo trabalha com noções e não conceitos, o que ela nos traz é uma contribuição ontológica para pensar gênero e isso pode-se dialogar com diversos autores, inclusive o pensamento decolonial. Para a superação do mito da mulher universal é preciso atentar-se à contribuição do pensamento feminista Interseccional na Psicologia, a respeito por exemplo da noção de Outridade – Grada Kilomba. Conforme ressalta Akotirene (2019):

A Interseccionalidade pode ser compreendida, como uma fermenta teórica e metodológica usada para pensar a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, ou seja, raça, gênero e classe intimamente ligados na experiência que aloca mulheres negras em situação de maior vulnerabilidade quando pensamos nessa encruzilhada de estruturas opressivas. A autora ainda nos coloca a par do perigo da apropriação desse conceito pela academia branca, que propõe a Interseccionalidade novamente de forma deslocada das questões de raça (Akotirene, 2019).

Na práxis, existem construções de fazer, que nunca serão iguais, padronizadas, por isso não se fala aqui de um “método clínico existencialista interseccional”, não é o que buscamos. Ao método clínico Sartriano, progressivo regressivo, nessa dinâmica, coloca-se ferramentas, olhares que me situam; é preciso compreender a liberdade em seu sentido coletivo, como um projeto de libertação. Alguns elementos das intersecções de território, de geração, neurodiversidade, etnia, identidade de gênero, orientação sexual, sofrimento psíquico, não podem perder-se de reconhecer a branquitude como raça, e o sentido não patologizante, mas politizado, emancipatório.

Interseccionalidade do ponto de vista deste estudo é uma ferramenta analítica fundamental para vislumbrar a noção de situação para o existencialismo, então entendida diante dessa ideia de identidades e (não identitarista), mas do cunho de situação, como uma via possível para pensar uma clínica política.

A Psicologia existencial deve se atentar para as perspectivas coloniais sob o ponto de vista do colonizado, uma vez que suas bases epistemológicas são prioritariamente européias. Os fenômenos são interseccionais, não se pode colocar um significado totalitário para mulher, pois a mulher negra é diferente da mulher branca, a mulher cis da mulher trans, nesse sentido pode-se beber da Fenomenologia bouvariana, mas o que interesse é o fenômeno e não Simone de Beauvoir. O feminino de Simone de Beauvoir não conhece a teoria *queer*, o ser Interseccional. Simone ajuda, porém, não sozinha, pois também têm seus limites enquanto uma mulher branca, francesa, de classe privilegiada, de alta escolaridade etc.

Nesse sentido, esse estudo juntamente à perspectiva de clínica ampliada em um sentido fenomenológico destaca que, não se deve usar a Fenomenologia à fórceps, ser devoto de teóricos, é brio que se deixe fazer e aparecer algo por si próprio. Os fenômenos são

interseccionais, é preciso respeitar os fenômenos, produzir o olhar para que o fenômeno seja, não ficar preso a conceitos A, de B, os autores trazem conceitos que permitem ou não acessar os fenômenos, mas os autores não são os fenômenos. Portanto é a essa narrativa política que esse estudo se propõe, que é produzir críticas, diálogos, debates pra entender por que esses dois autores não são secundários. Beauvoir e Fanon nos ajudam na prática da Psicologia e principalmente a compreender nosso tempo e a realidade das vidas que queremos trazer como emancipação de alcançar espaço social.

O que está em jogo no lugar de fala não é o monopólio da verdade na experiência, é a ampliação do campo de luta. Citando Fanon “Ao fim deste trabalho, gostaríamos que as pessoas sintam, como nós, a dimensão aberta da consciência”.

Portanto nosso intuito é que habitar o *locus* fraturado, aberto, múltiplo, suportando os dissensos e celebrando os pontos de encontro, ainda que efêmero e sempre incompletos.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen Livros, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo** – fatos e mitos; tradução de Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo** – a experiência vivida; tradução de Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BEAUVOIR: Simone de. **Por uma moral da ambigüidade**; tradução de M.J. de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BRAGA, Tatiana Benevides Magalhães; FARINHA, Marciana Gonçalves. Contribuições da Fenomenologia Existencial Heideggeriana para a Clínica Ampliada. **Cadernos do PET Filosofia**, [S. l.], v. 15, n. 29, p. 91-105, 2024. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpi.br/index.php/Qpet/Qarticle/Qview/Q5689>>. Acesso em 10 jul. de 2024.

BRASIL, Ministério da Saúde. (2010). *Humaniza SUS: documento base para gestores e trabalhadores do SUS*. Brasília: Editora do Ministério da Saúde.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão do SUS. **Clínica ampliada e compartilhada**. Brasília: Ed. Ministério da Saúde, 2009c. 64 p. (Série B. Textos Básicos de Saúde). Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/clinica_ampliada_compartilhada.pdf>. Acesso

em: 10 de março de 2024.

BRASIL. **Política Nacional de Humanização**, 1ª Edição, Brasília-DF, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. (2010). **Cadernos Humaniza SUS**. Brasília. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicações/cadernos_humanizaSUS.pdf>. Acesso em 10 de março de 2024.

DORON, R. & PAROT, F. (Orgs.). (1998). Psicologia Clínica. In **Dicionário de Psicologia** (Vol. I, pp. 144-145). São Paulo: Ática.

DUTRA, E. Considerações sobre as significações da Psicologia clínica na contemporaneidade. **Estudos em Psicologia**, v. 9, n. 2, p. 381-387, 2004.

FANON, F. (2020) **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: (Sebastião Nascimento, Raquel Camargo, Trad.). São Paulo: UBU. (Obra original publicada em 1952).

FANON, F. (2015). **Os condenados da terra**. (Enilce Albergaria Rocha & Lucy Magalhães, Trad.). Juiz de Fora: UFJF (Obra original publicada em 1961).

FAUSTINO, Deivison. **Frantz Fanon e as encruzilhadas: Teoria, política e subjetividade, um guia para compreender Fanon**. Ubu Editora, 2022.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. (7ª ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (2014).

FRANÇOSO, O. M. (org.). **Clínica Política: A experiência do centro de estudos em reparação psíquica lá em acari**. Rio de Janeiro: ISER, 2018. Disponível em: https://www.iser.org.br/wp-content/uploads/2020/08/clinicapolitica_livro_20set.pdf. Acesso em: 04 março de 2024.

GABRIEL, N.L.D. (2021). A liberdade em Frantz Fanon: a existência aos olhos dos condenados. Guarapuava, PR: Apolodoro Virtual Edições.

GENTIL, H.S. Convite à pesquisa em Filosofia e Ciências Humanas: orientações básicas para a formulação de um projeto. **Revista Integração**, São Paulo, SP, v. XI, n.41, p.169-174, abr-jun. 2005. Disponível em: <<https://marcosfabionuva.com/wp-content/uploads/2018/08/3-convite-a-pesquisa-em-filosofia-e-cic3aancias-humanas.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2023

GUERRA, A. M. C. O Social na Clínica e a Clínica do Social: Sutilezas de uma Prática. In: Gonçalves, B. D.; Guerra, A. M. C. & Moreira, J. de O. (orgs.). **Clínica e Inclusão Social: Novos Arranjos Subjetivos e Novas Formas de Intervenção**. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2002, p. 29-48.

LARA, A. M. B. ; MOLINA, Adão Aparecido. Pesquisa Qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias. In: Cèzar de Alencar Arnaut de Toledo; Maria Teresa Claro Gonzaga. (Org.) Metodologia e Técnicas de Pesquisa nas Áreas de Ciências Humanas. Maringá: EEduem, 2011, v. 01 , p. 121 – 172.

LO BIANCO, A.C. et al. Concepções e atividades emergentes na psicologia clínica. **Psicólogo brasileiro: práticas emergentes e desafios para a formação**. Tradução. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994. p. 7-79.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre a colonialidade do ser: contribuições para o desenvolvimento de um conceito. Rio de Janeiro: Via Verita, 2022.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80 p. ISBN: 8532611451.

NUCAFE, 2023. Prof. Dr. Nilson Lucas Dias Gabriel e Prof^ª Paula Helena Lopes no curso Psicologia e Clínica Política: caminhos e contribuições de Simone de Beauvoir e Frantz Fanon,

NUCAFE, Fala do Prof. Dr. Alexandre Cabral no curso de Fenomenologia das colonialidade e os marcadores de opressão, em 13 jun. 2023.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e nada** - ensaio de ontologia fenomenológica; tradução de Paulo Perdiggão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SARTRE, Jean-Paul. (1968). **Reflexões Sobre o Racismo**. (J. Guinsburg, Trad.) São Paulo: Difusão Europeia do Livro. (Obra original publicada em 1948).

SEVALHO, G.; DIAS, J. V. DOS S. Frantz Fanon, descolonização e o saber em saúde mental: contribuições para a saúde coletiva brasileira. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, p. 937–946, 11 mar. 2022. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/csc/a/QJ9zhYGmCNHWvTJpt5pR8dD/>>. Acesso em: 20 fev. de 2023.

SIMONS, Margaret A. Beauvoir and Sartre: The Question of Influence. (P. Sartori, Trad.). *Sapere Aude* – Belo Horizonte, v.3 – n.6, p.340-356.